

**CASA FAMILIAR RURAL: CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO E REALIDADE
EM PÉROLA D'OESTE.**

Alice Fabiana Jahn¹ Sidemar Presotto Nunes²

¹ Educanda do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, alicejahn@hotmail.com

² Professor Dr. em Meio Ambiente e Desenvolvimento (UFPR), Coordenador do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, sidemarnunes@hotmail.com

Resumo: As Casas Familiares Rurais surgiram no Brasil em Pernambuco por volta de 1968 e chegaram ao sul do país no município de Barracão, estado do Paraná, em 1989. Uma de suas características principais é o regime de alternância, que possibilitará aos povos do campo uma participação diferenciada na sociedade além de qualidade de vida. Por volta 1997 surge à Casa Familiar Rural de Pérola D'Oeste, trabalhando com os jovens do campo. No decorrer do tempo a Casa Familiar Rural sofreu transformações em sua forma de organização e visão, aonde aos poucos vem perdendo a sua capacidade de fazer a diferença, no que diz respeito à educação. Aos poucos se percebe que sua pedagogia não é distinta e ela não vem conseguindo proporcionar uma inserção diferenciada para seus egressos. Para que os projetos das Casas Familiares Rurais deem certo é fundamental que sejam aceitos por toda a sociedade, seja ela do campo ou urbana.

Palavras-Chave: Educação; Juventude; Casa Familiar Rural;

INTRODUÇÃO

Segundo a ARCAFAR SUL (2013), as Casas Familiares Rurais surgiram no Brasil em 1968, em Pernambuco. A primeira experiência no sul do país foi no município de Barracão, estado do Paraná, a partir de 1989. As Casas Familiares Rurais surgiram em 1935, diante da realidade camponesa que desafiava todos os setores da sociedade civil francesa, quando viu-se a necessidade de formar uma educação que respondesse ao cotidiano rural. Surge assim, a Pedagogia da Alternância.

Nas Casas Familiares Rurais é desenvolvida a chamada “Pedagogia da Alternância”, que visa proporcionar aos educandos a oportunidade de analisar e participar da realidade em que vivem, buscando a sua transformação.

Para a ARCAFAR Sul (2013), “Pedagogia da Alternância” “Este método consiste em os jovens passarem: Duas semanas na sua propriedade convivendo com a família e com a comunidade e aplicando na prática os conhecimentos adquiridos e uma semana na Casa Familiar adquirindo novos conhecimentos para a vida profissional e para a sua formação geral. Este método permite que os jovens discutam a realidade com a família e com os monitores. Esta discussão provoca reflexões e novas formas de pensar e agir na propriedade e na comunidade.”.

As Casas Familiares Rurais tem como um dos principais objetivos a formação voltada para a realidade do campo visando à permanência dos jovens em suas propriedades, criando oportunidades de trabalho e renda no lugar em que vivem.

É no ano de 1997, que foi implantada no município de Pérola D’Oeste a Casa Familiar Rural, com o intuito de atender os jovens do campo e incentivar a sua permanência nele. Ensinava-se na teoria e também na prática como trabalhar, administrar e em muitos casos transformar a propriedade da família.

Percebe-se que um dos maiores dilemas encontrados atualmente na agricultura é a questão da permanência ou não no campo, sobre o que se torna mais interessante, a permanência no campo ou trabalhar na cidade. Outro fato observado é que os jovens que são descartados por essas transformações em sua grande maioria, tendem a estar em níveis mais baixos de educação escolar sendo subordinados a acessar qualquer oportunidade de trabalho fora de sua realidade.

Fazer esse estudo torna-se pertinente para analisarmos quais foram as maiores transformações ocorridas na Casa Familiar Rural, na forma de organização, educação e contribuição na vida dos jovens, tendo em vista que ela está presente há mais de 15 anos no município.

Pérola D’Oeste é um município essencialmente agrícola, com pouco mais de 6.000 habitantes, segundo dados do IBGE (2010), cerca de 52,8% da população ainda reside no campo. Com sua produção baseada basicamente na bacia leiteira e em alguns grãos, a cidade é totalmente dependente do campo, assim como qualquer cidade. O pequeno

comércio de Pérola D'Oeste é movimentado em sua grande maioria pela população do campo.

A população vem diminuindo, em sua maioria são os jovens do campo que deixam suas propriedades em busca de “melhores oportunidades” nas cidades. A população do campo de Pérola D'Oeste, segundo dados do IBGE, diminuiu muito entre os anos de 2007 e 2010. No ano de 2007 a população do campo era de 4.040 habitantes sendo cerca de 59,3% da população total do município. Já no ano de 2010 o número de habitantes no campo caiu para 3.574, representando 52,8% da população total. Uma queda de 6,5%.

REFERENCIAL TEÓRICO

Lutar por uma educação eficiente e que dê conta de atender as necessidades emergentes, e as desigualdades que ainda afloram em nosso meio, mesmo através da educação, já que muitas vezes a escola esconde sua face e trabalha num processo de naturalização das desigualdades.

Educação é mais do que escola. Na construção do projeto histórico que defendemos é preciso trabalhar para instaurar um projeto educacional que coloque os trabalhadores e trabalhadoras do campo, e suas famílias, em um movimento de construção de alternativas abrangentes de trabalho, de vida, que rompam com a lógica de degradação humana da sociedade capitalista e que sejam concretamente sustentáveis. (CALDART, 2010).

Uma das alternativas que vem ganhando força para uma “educação diferenciada” é a “pedagogia da alternância” que dá ao jovem a oportunidade de estudar sem deixar suas raízes e mostrando ser possível construir uma relação entre escola e comunidade.

A alternância favorece a busca da identidade cultural do jovem agricultor, agricultora. O adolescente, tem oportunidade de, refletindo sobre sua situação de vida, através da alternância, tomar distância de seu meio, buscar perspectivas, avaliar melhor o seu fazer, estimulando a tomada de posição e até inovar. O que é prioritário de pedagogia da alternância é a dignidade da pessoa, como sujeito individual e coletivo (FUNDEP, 1987 *apud* VON ONÇAY, 2006, p.71.).

A escola é, ou deveria ser o lugar que contribuiria para sanar algumas dificuldades, seu papel deve ser trabalhar a vida daqueles que estão ali, com seus diferentes aspectos e de contribuir para a transformação da sociedade.

A escola surge como um antídoto à ignorância, logo, um instrumento para equacionar o problema da marginalidade. Seu papel é difundir a instrução,

transmitir os conhecimentos acumulados pela humanidade e sistematizados logicamente. (SAVIANI, 1983).

Pesquisando a realidade de alguns jovens educandos da Casa Familiar Rural e também de seus egressos, percebe-se que um dos maiores problemas das propriedades é com o saber administrar, não só o dinheiro, mas também saber controlar gastos, dívidas, sabendo criar oportunidades em suas propriedades quando tiverem essa chance, sendo que muitas vezes os jovens nem participam da administração da propriedade da família.

A agricultura familiar, trabalhada na região sul do Brasil possui uma característica fundamental, a de além de produzir alimentos, matéria-prima, possibilita a ocupação e o trabalho no setor rural, sendo de fundamental importância a sua multifuncionalidade. Outra importante característica é que a mão-de-obra utilizada é a da própria família.

METODOLOGIA

Trabalhar com educação não é tarefa fácil e merece atenção redobrada, já que há certo tempo que ela já não é vista como prioridade pela grande maioria. Pesquisar sobre educação requer cuidados tendo em vista que ela é um direito de todos e que há muito tempo vem enfrentando dificuldades.

Os dados que foram apresentados neste trabalho foram obtidos através de pesquisa bibliográfica, documental e também pesquisa de campo realizada com alguns educandos que já estudaram na Casa Familiar Rural do município.

A pesquisa foi realizada através de conversa direta com educandos da primeira turma que se formou no ano 2000, da segunda turma que se formou no ano 2002, através de questões de múltipla escolha, com alguns educandos formados no ano de 2012, última turma formada pela Casa Familiar Rural até agora.

A pesquisa de campo foi realizada entre junho de 2012 e março de 2013, com o intuito de conhecer a realidade de alguns jovens, a mesma contou com a ajuda do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Pérola D'Oeste. A pesquisa bibliográfica iniciou-se em dezembro de 2012 e teve como objetivo conhecer e aprofundar os conhecimentos no que diz respeito ao assunto que o referido artigo foi escrito.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conhecer o meio que estamos inseridos, e analisar a realidade do campo, torna-se de fundamental importância, tendo em vista que a sucessão familiar enfrenta dificuldades e a média de idade no campo está cada vez maior.

A pedagogia tradicional aqui relatada pode ser percebida na vivência dos educandos dentro da escola, onde se busca “trabalhar a perfeição”, ser o melhor e tornar-se um ser passivo, que aceita qualquer imposição feita pela sociedade a qual está inserido, sem saber questionar ou criticar algo, trabalhando na lógica de sujeitos e não atores construtores de sua realidade.

No decorrer da pesquisa percebem-se as grandes transformações que ocorreram com relação à Casa Familiar Rural de Pérola D’Oeste, em sua forma de organização, educação e até na contribuição que dá para os jovens.

A Casa Familiar Rural já foi uma das entidades mais fortes do município de Pérola D’Oeste, contando com o apoio das demais entidades conseguia atender a necessidades dos seus educandos e de sua família.

Em conversa com um dos jovens que se formou na primeira turma, no ano 2000, é evidente a grande mudança que ocorreu. A média de idade diminuiu, antigamente a média era 18 anos, atualmente os jovens entram cada vez mais cedo para a Casa Familiar Rural.

A alimentação dos jovens era fornecida pela família dos mesmos, as visitas nas propriedades eram feitas periodicamente e então a alimentação recolhida. O estudo se constituía de uma semana em tempo escola e duas semanas na propriedade para por em prática tudo o que aprendeu na teoria.

No período que os educandos estavam na Casa Familiar Rural também eram feitas aulas práticas, com o acompanhamento dos monitores, sendo isso dentro do espaço da escola ou até mesmo em algumas propriedades.

A Casa Familiar Rural possuía também alguns equipamentos agrícolas, para auxiliar na propriedade dos jovens educandos, o preço das horas máquinas era acessível e facilitava a realização de trabalhos que precisavam ser feitos com o referido equipamento.

O ensino regular não existia na Casa Familiar Rural, então durante toda a semana estudavam sobre a agricultura e aprendiam a como administrar as suas propriedades.

No decorrer da conversa foi perguntado ao jovem formado na Casa Familiar Rural, que atualmente atua no Sindicato dos Trabalhadores Rurais do município, sobre qual foi a contribuição da Casa em sua formação, entre as respostas citadas estão: “Noção de organização da propriedade; convivência com as pessoas; trabalho coletivo; envolvimento com as entidades”. Segundo o jovem, estudar na Casa Familiar Rural contribuiu para a sua permanência no campo, já que ele conseguiu entender a importância da agricultura.

Na pesquisa feita com alguns jovens da última turma formada pela Casa Familiar Rural percebem-se as grandes mudanças ocorridas na instituição desde o seu surgimento. Dos 19 jovens integrantes da última turma da Casa Familiar Rural, aproximadamente 95% deles são do campo, porém são pouquíssimos que sentem interesse em permanecer no campo, não chegando a 30%.

Outro fator observado é que na turma eram atendidos apenas meninos, dando algumas evidências que as mulheres sentem um interesse ainda maior de deixar o campo, contribuindo para que em Pérola D’Oeste ocorra também a masculinização do campo.

As diferenças encontradas no decorrer da pesquisa são grandes, e as dificuldades com relação à educação prejudicam a qualidade de ensino. Cada vez menos jovens sentem interesse em estudar na Casa Familiar Rural, as visitas nas propriedades praticamente não acontecem assim como o acompanhamento da instituição na propriedade dos educandos.

A Casa Familiar Rural do município possui carro adequado, e combustível exclusivo para a realização das visitas e acompanhamento na propriedade dos educandos, porém isso não acontece, quebrando cada vez mais o vínculo entre escola e comunidade.

Foram levantados dados de alguns jovens que estudaram na Casa Familiar Rural, (anexo 01), foram estudadas três turmas sendo, a primeira, a segunda e a última turma formada. A primeira turma iniciou com 30 educandos e formou-se com apenas 10 no ano 2000, sendo que 02 dos jovens entrevistados permanecem no campo permanecem no campo.

A segunda turma iniciou com cerca de 30 educandos e formou-se com 20 no ano de 2002, dos formados pesquisados apenas 01 deles permanece na propriedade e é o sucessor familiar, os demais são trabalhadores assalariados.

A última turma iniciou com cerca de 30 educandos, ao chegar ao terceiro ano do ensino médio, que existe agora na Casa Familiar Rural, restavam apenas 19 educandos sendo que desses apenas 15 formaram-se; dos jovens entrevistados apenas 03 deles permanecem no campo, mas aguarda uma vaga de emprego na cidade, os demais já trabalham na cidade nos mais diferentes serviços.

Os dados apresentados vêm dando indícios que a metodologia abordada na Casa Familiar Rural está apresentando falhas que precisam ser corrigidas com urgência, para que a “educação diferenciada” possa começar a aparecer. Nota-se que a “Pedagogia da Alternância” utilizada não é suficiente para a permanência do jovem no campo.

Atualmente o que falta na instituição é o entrosamento entre a família e a escola; para um bom andamento é necessário um acompanhamento com a família para que ela também entenda a importância do trabalho da Casa Familiar Rural.

Está cada vez mais frequente encontrar os ex educandos da última turma da Casa Familiar Rural trabalhando na cidade, em mercados, postos de gasolina, deixando suas propriedades e os “ensinamentos” sobre a agricultura familiar de lado, pondo em cheque a educação trabalhada lá.

No decorrer da história a escola tem se adaptando a função de “ensinar a fazer”, à de formar, criar moldes, seguindo o que pede a sociedade capitalista, ensinando a consumir e produzir, sendo isso considerado fundamental para inserir-se na sociedade. Aprender a pensar já é desnecessário no meio que vivemos.

A escola pode ser vista como uma ferramenta do capitalismo, que trabalha, mesmo que muitas vezes camuflada, na lógica da conformação, divide por classes e utiliza de um direito de todos para pregar o que é conveniente para a sociedade capitalista. Quem passou pela “formação”, atendeu a todos os requisitos, tirou as melhores notas, está apto à sociedade.

A pedagogia tradicional é o que está sendo trabalhada dentro da escola, o aluno é um mero receptor de “conhecimento”, tudo se resume em copiar, decorar, repetir, tudo isso para torna-se bom, tornar-se apto a estar nessa sociedade. O aprender a fazer é

diferente do aprender trabalhar. Atualmente só é bom aquele que faz o que a sociedade prega, o que ela deseja, aquele que está dentro dos “padrões”.

Atualmente na Casa Familiar Rural do município o campo ainda é visto como lugar de atraso pela grande maioria dos educandos. A consciência de qualidade de vida, oportunidades, direito a educação é valorizada e reconhecida por poucos, sendo que grande parte deles acham desnecessário estudar para permanecer no campo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A forma de trabalhar a educação na Casa Familiar Rural está “mudando o foco”, a inclusão do ensino regular na instituição fez com que os estudos sobre a agricultura fossem diminuídos.

A forma de organização aos poucos foi transformada e a instituição perdendo algumas de suas características, tornando-se praticamente uma escola tradicional, com a visão voltada apenas para a produção, e não para que os educandos aprendam a ver a sociedade de forma diferente.

Analisando o Projeto Político Pedagógico da escola base, que então é o mesmo da Casa Familiar Rural, percebe-se que a ideia de trabalhar uma educação diferenciada está proposta, porém não sai do papel tornando apenas discurso, não contribuindo em nada para a transformação da educação.

É necessário pensar na vida no campo, nas pessoas que vivem nele, contribuir para que elas tenham condições de ali permanecer, e tudo isso começa pela educação. Como diz Caldart, “Vamos continuar lutando para garantir que todas as pessoas do campo tenham acesso a educação pública e de qualidade em seus diversos níveis, voltados aos interesses da vida no campo”.

A escola que trabalha com jovens do campo, no caso a Casa Familiar Rural, não pode ser vista como “o último recurso”, e nem ficar a mercê das decisões do colégio base. Deve-se pensar em uma educação diferenciada que atenda as necessidades e trabalhe com a realidade do jovem que ali está. “O trabalho social principal do professor e da escola deve consistir na melhoria constante da agricultura, da economia rural e das condições de vida do camponês; o trabalho deve ser feito com a ajuda da escola e através dela” (PISTRAK, 1924, pág. 70).

A forma de educação trabalhada na Casa Familiar Rural de Pérola D'Oeste está perdendo o foco, já está ganhando moldes tradicionais, fazendo com que a Casa Familiar Rural aos poucos vá perdendo uma de suas maiores características: a capacidade de fazer a diferença, formando sujeitos críticos e que tenham, além de uma visão, uma inserção diferenciada na sociedade, no que diz respeito à educação.

É necessário entender que o fato dos educandos passarem duas semanas em casa não é o suficiente para falarmos em “pedagogia da alternância”, é de fundamental importância avaliar o que é feito no período de tempo comunidade, se isso realmente está contribuindo com a educação dos jovens que ali estão.

Na verdade não se pode afirmar que a forma como o ensino-aprendizagem é trabalhado na Casa Familiar Rural se constitui em uma nova pedagogia, mas sim uma pedagogia tradicional trabalhada na forma de alternância. Percebe-se também que essa forma de trabalhar não está proporcionando uma inserção diferenciada dos jovens formados na Casa Familiar Rural.

Como Caldart diz, “Hoje no campo, como no conjunto da sociedade, predomina uma educação que conforma os trabalhadores a uma lógica que é de sua própria destruição: como classe, como grupo social e cultural, como humanidade”.

A tarefa de educar vai além de seguir o livro didático, ou trabalhar na lógica da conformação à sua realidade, mesmo ela sendo desigual. A dignidade que cada ser humano busca em sua caminhada, encontra-se primeiramente na educação, que cobra-se como um dever do estado, porém esquece-se de que ela é mais do que um direito, mas também um dever de todos.

A escola que conhecemos foi desenhada como um lugar onde se separa o aprender do fazer; por isso, sua centralidade absoluta na sala de aula, para que não se “perca tempo” de transmissão de conteúdos habilidades necessários à inserção na sociedade, no mercado de trabalho. (CALDART, 2010).

Sabe-se que para o projeto das Casas Familiares Rurais darem certo, é necessário que ele seja aceito e adotado por toda a sociedade, seja urbana ou do campo. É fundamental que ela trabalhe diante das diferenças existentes e que consiga também trabalhar de forma diferenciada, adaptando-se as complexidades encontradas.

5. Referências

ARCAFAR-SUL. Disponível em:

<http://www.arcafarsul.org.br/page/conteudos/1/quem-somos.html> Acesso em: 08 de jan. de 2013.

DIAADIA EDUCAÇÃO. Disponível em:

<http://www.diaadia.pr.gov.br/> Acesso em: 20/03/13

MEC. Disponível em:

<http://ide.mec.gov.br/2011/municipios/relatorio/coibge/4119004> Acesso em 08/04/13

CALDART, Roseli Salete. **Caminhos para a transformação da escola. Reflexões desde práticas da licenciatura em educação do campo.** São Paulo, 2010.

CALDART, Roseli. **Por Uma Educação do Campo. Educação do Campo identidade e Políticas Públicas.** Brasília, 2002.

CAMARANO, Ana Amélia; ABRAMOWAY, Ricardo. **Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: Panorama dos últimos 50 anos.** Rio de Janeiro, 1999.

FETRAF-SUL/CUT, Terra Solidária. **Juventude semeando Terra Solidária. Educação Popular.** Realeza, 2012.

PISTRAK, Moisey Mikhaylovich. **Fundamentos da escola do trabalho.** São Paulo, 2011.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. São Paulo, 1983.

VON ONÇAY, Solange Toderó. **Escola das classes populares. Contribuindo para a Construção de Políticas Públicas**. Erechim, 2006.

Anexo 01.

- Pesquisa realizada em Pérola D'Oeste com jovens formados na Casa Familiar Rural.

NOME	ORIGEM SOCIAL	CONDIÇÃO SOCIAL HOJE	TRAJETÓRIA PÓS CFR.
Aluno 01	Agricultor Familiar. Menos de 05 al.	Agricultor Familiar, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais.	Organizações Sociais, liderança na comunidade e no município.
Aluno 02	Agricultor Familiar. Menos de 10 al.	Empregado de frigorífico.	Por menos de 02 anos permaneceu na propriedade, depois foi para SC.
Aluno 03	Agricultor Familiar, menos de 10 al, produtor de frango.	Trabalha em uma empresa como entregador.	Formou-se em técnico em agropecuária e tornou-se monitor na Casa Familiar Rural.
Aluno 04	Agricultor Familiar, menos de 10 al.	Trabalha como empregado em uma fazenda no MT.	Formou-se e foi para o MT trabalhar em fazenda.
Aluno 05	Agricultor familiar, menos de 05 al.	Continua na propriedade.	Trabalhou como cobrador de ônibus.

1ª TURMA: Iniciada com aproximadamente 30 educandos sendo que, formaram-se 10 educandos. Em sua grande maioria filhos de pequenos agricultores familiares, média de idade de 18 anos.

NOME	ORIGEM SOCIAL	CONDIÇÃO SOCIAL HOJE	TRAJETÓRIA PÓS CFR.
Aluno 01	Agricultor Familiar. Menos de 05 al.	Agricultor Familiar. (Sucessão Familiar).	Empregado de grande fazenda no MT, por 10 anos.
Aluno 02	Agricultor Familiar. Aproximadamente 03 al.	Empregado de fazenda, MT.	Sucessor Familiar, por 10 anos.
Aluno 03	Trabalhador “Bóia Fria”.	Caminhoneiro.	Empregado da DIPLOMATA (Capanema).
Aluno 04	Filho de Agricultor Familiar. Aproximadamente 05 al.	Empregado.	Empregado.
Aluno 05	Agricultor Familiar.	Empregado na Cooperativa COAGRO.	Agricultor Familiar.

2ª TURMA: Iniciada com cerca de 30 alunos, sendo concluída com cerca de 20. Quase que 100% dos jovens são filhos de pequenos agricultores familiares, sendo que possuíam uma média de idade de cerca de 18 anos.

NOME	ORIGEM SOCIAL	CONDIÇÃO SOCIAL HOJE	TRAJETÓRIA PÓS CFR.
Aluno 01	Filho de agricultor familiar. Aproximadamente 05 al.	Sócio proprietário de uma loja de artefatos de cimento, em Pérola D’Oeste.	Formou-se e foi para a cidade.
Aluno 02	Filho de agricultor familiar. Menos de 05 al.	Permanece na propriedade, mas aguarda emprego na cidade.	Formou-se e parou os estudos.
Aluno 03	Filho de agricultor familiar, cerca de 20 al. Família participante das entidades do município.	Permanece na propriedade e busca continuar os estudos.	Formou-se e continua na propriedade.
Aluno 04	Filho de agricultor familiar. Menos que 10 al.	Atua no Exército Brasileiro.	Formou-se e foi para a cidade.
Aluno 05	Filho de agricultor familiar. Menos de 10 al.	Estudante de Agronomia na UTFPR	Trabalha em um super. Mercado na cidade.

		– Dois Vizinhos.	
Aluno 06	Filho de agricultor familiar. Aproximadamente 05 al.	Permanece na propriedade e aguarda emprego na cidade.	Formou-se e continua na propriedade.
Aluno 07	Filho de “Bóia Fria”.	Trabalha de empregado em uma cerealista.	Formou-se e trabalha de empregado.
Aluno 08	Filho de agricultor familiar. Aproximadamente 03 al. Porém reside na cidade.	Trabalha em um posto de gasolina e de pedreiro.	Formou-se e trabalha de empregado.
Aluno 09	Filho de agricultor familiar, menos de 10 al. Família atuante nas entidades.	Continua os estudos.	Formou-se, atua na comunidade, propriedade, e pretende continuar os estudos.

*Última turma (2012): Ainda em sua maioria filhos de pequenos agricultores, estudantes do 3º ano do ensino médio, com uma média de idade de 16 anos.